



**UNIVERSIDADE DE SÓFIA SVETI KLIMENT OHRIDSKI**

Faculdade de Filologias Clássicas e Modernas

Departamento de Estudos Ibero-Americanos

Mestrado em Linguística Aplicada

**TESE DE MESTRADO**

**A CRIAÇÃO NEOLÓGICA NA OBRA DO ESCRITOR MOÇAMBICANO  
MIA COUTO**

***(CRONICANDO E ESTÓRIAS ABENSONHADAS)***

da mestranda

**Margarita Raivaso, N° de Faculdade 1005M**

Orientada por

**Prof.ª Dr.ª Vesela Chergova, Professora Associada**

Sófia  
Outubro de 2018

## ÍNDICE

<b>Relação de Quadros</b>	04
<b>Agradecimentos</b>	05
<b>Introdução</b>	06
<b>Capítulo I</b> Fundamentos teóricos e metodológicos	11
1. A situação linguística de Moçambique - história, desenvolvimento e particularidades do português em Moçambique	11
1.1 Factos históricos	11
1.2. O Português como Língua Oficial	13
1.3. Processo de Moçambicanização da Língua Portuguesa	13
1.3.1. Noção de moçambicanização	13
1.3.2. Origem histórica da moçambicanização do Português	14
1.3.3. Alguns aspetos da norma linguística	17
1.3.3.1 Variedade pidginizada	17
1.3.3.2. Variedade misturada	17
1.3.3.3. Variedade normatizada	18
2. Vida e obra de Mia Couto	19
3. A criação lexical, neologia e neologismos, características e tipologia dos processos neológicos	22
3.1. Neologismos fonológicos	24
3.2. Neologismos sintáticos	25
3.2.1. Formação pela derivação	25
3.2.1.1. Derivação prefixal	26
3.2.1.2. Derivação sufixal	27
3.2.1.3. Derivação parassintética	27
3.2.1.4. Derivação regressiva	27

3.2.1.5. Derivação imprópria (conversão ou transcategorização)	28
3.2.2. Formação de palavras por composição	28
3.2.2.1. Composição por justaposição (composição coordenativa)	29
3.2.2.2. Composição por aglutinação (composição subordinativa)	30
3.2.2.3. Composição sintagmática	30
3.2.2.4. Composição por siglas	31
3.2.2.5. Composição por acronímia	31
3.3. Neologismos semânticos	31
3.4. Neologismos formados por empréstimos	32
3.4.1. Estrangeirismos	32
3.4.2. Decalque	35
3.5. Outros processos neológicos: a truncação, a palavra-valise, a reduplicação	35
3.5.1. Truncação (abreviação vocabular)	35
3.5.2. Palavra-valise	35
3.5.3. Reduplicação	35
3.6. Recapitulação	36
<b>Capítulo II Os neologismos na obra de Mia Couto</b>	38
1. A literatura pós-colonial	38
2. Mia Couto como autor no contexto da literatura pós-colonial	39
3. A língua descrita por Mia Couto	43
4. A neologia de Mia Couto: resumo de uma proposta de classificação	44
4.1. Criatividade fonológica	46
4.2. Criatividade de palavras (morfológica)	47
4.3. Criatividade sintagmática	48
4.4. Criatividade semântica	50
4.5. Criatividade lexical/neologia de empréstimo	51
5. Análise do material empírico da linguagem de Mia Couto	54
5.1. Derivação	54
5.1.1. Sufixação	54
5.1.2. Prefixão	62

5.1.3. Parassíntese	66
5.2. Composição e decomposição	66
5.3. Amálgamas	68
<b>Conclusão</b>	75
<b>Bibliografia</b>	80

## CONCLUSÃO

Mia Couto caracteriza-se dentro do sistema literário moçambicano segundo Silva (2010) «como um fino contador de histórias, que se alimenta tanto da cultura de matriz banta, como da intertextualidade mantida com seus autores preferidos». A produção literária de Mia Couto transmite um sentimento que se nutre do modo de narrar africano, ou como diz o próprio escritor, «inclusive a maneira como eu escrevo nasce desta condição de que é um país dominado pela oralidade, um país que conta histórias através da via da oralidade» (Couto 2007: 3). Ele retrata a cultura do povo moçambicano, descrevendo os problemas sociais de seu país, por meio de uma linguagem criativa, desviando às vezes as normas gramaticais, dando valor à tradição oral do seu país, através das suas expressões populares. Possui a criatividade e a temática semelhantes às de Guimarães Rosa, pois retrata cenários de pobreza ou cenários às vezes sobrenaturais, mostrando, ao mesmo tempo, o sofrimento humano, a desgraça, a falta de perspectiva e a luta por uma vida melhor e mais digna.

Uma das características das narrativas de Couto é que a língua portuguesa adquire uma outra melodia, pois, novas palavras são integradas ao léxico, provenientes da cultura nativa de Moçambique. A língua portuguesa é utilizada para criar uma identidade nacional através das palavras escritas e neste caso é uma língua que sofreu influência dos diferentes dialetos e línguas faladas no país. Para Cavacas, Mia Couto consegue «antecipar a moçambicanidade através de uma escrita mágica numa língua portuguesa oriunda de índicas mestiçagens» (Cavacas 2006: 58).

No estudo que fizemos sobre as inovações presentes em ambas as obras em análise deste escritor verificámos que o que sobressai, ao nível do léxico, são os neologismos lexicais. Observámos que o processo mais produtivo é o da «amálgama», que resulta da combinação casual de pedaços de palavras do Português europeu. Exemplos: *animaldades* ou *solistência*, obtidas respectivamente pelas seguintes associações: *ani[mal] + [mal]dade* e *solit[ária] + [exi]stência*. Os nomes próprios, criados por Mia Couto esclarecem o papel das amálgamas na escrita dele. Não correspondem a simples

jogos linguísticos, mas transportam cargas semânticas fundamentais para a construção do sentido do texto e para a caracterização das personagens. Podemos observar que o trabalho criativo do autor responde, de uma maneira geral, à «gramática» dos nomes próprios existentes em português. Por exemplo:

Evalinda – Eva +linda

Infelizmina – Infeliz+minha

Tristereza – Triste+Tereza

A amálgama é um processo inexistente no Português moçambicano, e por essa razão, não se pode considerar que Mia Couto tivesse tomado a linguagem do Português moçambicano como fonte para as suas inovações linguísticas. As amálgamas preservam, ao longo das duas obras de Mia Couto, a sua originalidade e inventividade. De acordo com Nunes e Coimbra (2007) as amálgamas atestadas na obra de Mia Couto são portadoras de carga metafórica, ou melhor de «mesclagem metafórica», de cada um dos seus constituintes.

Observamos também que na obra de Mia Couto são igualmente frequentes as combinações de prefixos e sufixos do Português a novas bases. Por exemplo, as palavras obtidas por prefixação *descuidadoso* ou *incompletar*, ou as palavras derivadas por sufixação *açucaroso* ou *sufrência*. Os prefixos *des-* ou *in-*, e os sufixos *-oso* ou *-ência* existem e são produtivos em Português, como prova a existência de palavras como *desfazer* ou *incompleto*, e *medroso* ou *fragrância*. A novidade de Mia Couto consiste na sua associação a novas bases, mesmo em casos em que o Português já dispõe de um termo equivalente, como no caso das palavras *ciumoso* (vs *ciumento*) ou *sufrência* (vs *sofrimento*). Conforme Nunes (2002-2003) a prefixão em Mia Couto «não modifica as normas de funcionamento da língua, antes prova a capacidade produtiva do português e o carácter infinito do seu sistema».

Nas duas obras de Mia Couto observamos elementos distintos, que caracterizam a escrita do autor e formulam novas regras baseadas em formações originais e não encontradas em português. Assim, o autor introduz palavras, embora não existentes e não

atestadas nos dicionários ou em materiais de referência, mas que são palavras possíveis. Por exemplo, a palavra *verandear* é palavra possível do português, embora não atestada (verão – veranear, um processo de desenvolvimento que transforma substantivos em verbos), pois existe em português europeu este modelo derivativo igual que em «tornear». Mia Couto introduz também palavras construídas que, não encaixam dentro de um modelo possível da língua. Pois, casos como o da palavra *luaminosa* (lua + luminosa) mostram que esse modelo não se encaixa no português enquanto língua padrão). Este exemplo foi abordado já mais acima e pode ser interpretado ao entender de Cavacas (1999) como um exemplo de amálgama, ou ao nosso entender como um exemplo de derivação por sufixação.

A análise dos textos que constituem o corpus deste trabalho mostra que não existe uma repetição de palavras novas nas duas obras de Mia Couto. O autor renova o seu processo criativo na passagem de uma obra para outra, o que representa um trabalho excelente de reflexão sobre a língua, do ponto de vista linguístico e semântico. Nunes e Coimbra (2007: 169) falam da preocupação do autor em não se repetir e acrescentam que «apesar desta preocupação pela não repetitividade vocabular (...), Mia Couto acaba por desenvolver este processo criativo através da formação de família de palavras». Vejamos os seguintes exemplos: *brinciar / brinciação, desacontecer / desacontecimento*. Muitas construções linguísticas vindas da linguagem popular depois aparecem nos textos de Mia Couto em forma de «brinciações», que são na verdade um modo de mostrar a maleabilidade, bem como a mobilidade da língua. Há um processo de recolha destas expressões, ditos populares, aforismos, não obstante, a transposição para a ficção desta recolha não se faz de forma mecânica, pois existe um processo de recriação da linguagem. Couto «brinca» com as palavras, cria palavras novas por meio de afixos, por justaposições e aglutinações. Tudo indica que «a formação dos neologismos em Couto foi bem pensada, intencionalmente elaborada com objetivo de impressionar o público» Timbane (2013: 347). A esse respeito lemos em Carvalho (1984: 30-31) que: «Como o neologismo é sobretudo criação individual, os falantes criativos, privilegiados e sensíveis, que são os escritores e poetas, são também os maiores inovadores do sistema».

Observámos também que nos dois livros em análise de Mia Couto, *Cronicando e Estórias Abensonhadas*, há estrangeirismos vindos das línguas bantu (bula-bula), e para além das línguas bantu, temos a presença do inglês (dólingui, darling) e francês (sacudu, sac-á-dos, mochila).

Na opinião de Gonçalves (2000a), ao comparar a linguagem de Mia Couto com o Português moçambicano, verifica-se que «embora nesta variedade do Português possam encontrar-se associações lexicais igualmente prescritas pela norma europeia, o seu carácter disperso e pouco frequente, não permite considerar que os neologismos presentes na obra de Mia Couto reproduzem termos já em circulação no discurso desta comunidade linguística». Assim, embora tanto no Português moçambicano, como nos textos de Mia Couto, a renovação lexical seja obtida por rearranjos de material lexical disponível, a linguagem do escritor distingue-se da variedade moçambicana do Português pela produtividade dos processos lexicais utilizados que na obra dele eles constituem um dos recursos mais típicos da sua linguagem literária. Não obstante, no entender de Sousa (2009: 133) «a linguagem miacoutiana tem um papel determinante na ligação entre a escrita e a oralidade, entre o português padrão e o português de Moçambique. A linguagem utilizada reflete, ao nível lexical, sintático e semântico, as particularidades da variante moçambicana do português».